

# Alfredo Pimenta

## Mestre de Lucidez e Coerência

O caminho da memória que nos leva em romagem espiritual à Capela da Madre de Deus, em Guimarães, onde repousa esse gigante do saber e da cultura latina, Alfredo Pimenta, é uma peregrinação que nos conduz às mais profundas reflexões sobre os «equívocos» do mundo contemporâneo — equívocos conceituais sociológicos, políticos, morais, teológicos — sucumbido à moda das filosofias de Hegel, de Heidegger e de Marx.

Em cada árvore secular, em cada monte, em toda a natureza que rodeia e vela a capela da Madre de Deus, onde jaz Alfredo Pimenta, há o silêncio das catedrais onde se guarda e conserva a memória dos que se libertaram da lei da morte...

Do silêncio que o rodeia e guarda, vem até nós a força gigantesca de seu pensamento, a invulnerabilidade de sua obra ao tempo e aos radicalismos injuriosos da crítica facciosa.

Sentimos hoje, mais do que ontem, a presença de sua autoridade moral, a coerência do pensador inteligente e intransigente a despertar energias adormecidas.

Escutamos ainda hoje, as palavras do autor de «*Três Verdades Vencidas: Deus-Pátria-Rei*» pouco tempo antes da sua morte:

«Admirável coisa esta de defender causas vencidas, homens vencidos, sobre que as vagas alterosas da vitória passam, altaneiras e invencíveis! Com essa defesa, não se colhem bens, nem louros; colhem-se antes desgostos e lágrimas. Mas fica-nos a consciência tão límpida como água que brota de rocha virgem...»

Hoje, quando a parte sã da Nação reflete no descalabro em que mergulha o país e na mediocridade dos responsáveis que o governam, a palavra de Alfredo Pimenta ergue-se do túmulo, renovadora de alentos, identificada com a natureza, a história, a cultura e as gentes que habitam a terra de sua derradeira morada.

Nesta romagem espiritual que hoje empreendemos, sentimos o desafio da coerência, da coragem moral, da lucidez, exigências

póstumas de seu pensamento que nos impõem serena postura de combate contra o erro, a ignorância, a falsificação da verdade e o medo.

Neste ano comemorativo do centenário de seu nascimento, é forçosamente evidente a necessidade de restauração de seu pensamento, da coragem por êle demonstrada, da vontade mansa e tenaz, da grandeza moral de sua integridade cultural. Tão evidente como o espaço deixado pelo seu desaparecimento até hoje não preenchido.

A sua actividade como pensador, fiel a suas convicções que se identificavam com a liberdade do povo português, a integridade da soberania da nação portuguesa e com a perenidade de sua independência, acarretou-lhe vicissitudes dolorosas e ódios implacáveis. Foi perseguido, enxovalhado, caluniado e silenciado em vida e após a sua morte.

Na época que vivemos estão à solta todos os ódios, radicalismos, violências intelectuais que comprometem os famosos direitos humanos de quem, ontem, os carrascos de hoje se diziam defensores. Se o exemplo de luta, de independência, de intransigente defensor da verdade foi difícil na época em que viveu, quando ainda havia um consenso relativamente confortável em volta dos valores que defendia, hoje tal posição de combate requiere o mesmo despreendimento de Alfredo Pimenta e talvez mais coragem para repôr esses valores em seus altares.

Na conjuntura actual são ainda mais escassos os exemplos dos que assumem atitudes de independência intelectual, para não falar de outras omissões quotidianas provocadas pela importância assumida pelo conforto material. Poucos são, nestes novos tempos do Bezerro de Ouro, os que seguem o exemplo de São Paulo pregando a doutrina de Cristo a uma sociedade hostil a esse ideal. E, pelo contrário, como são muitos mais aqueles que sacrificam a verdade em favor de uma mais fácil e equivocada aceitação da Palavra de Deus ou do falso prestígio de seus mestrados ou da sua reputação cultural. Como são poucos os que ainda erguem a sua voz para denunciar o erro, a heresia, os vícios subjacentes do raciocínio de conveniência ou de oportunidade, ou os falsos métodos de angariar adeptos para pretensos caminhos da verdade e de Deus.

A mostruosas hidra da sociedade consumista gerada pelo capitalismo e as suas naturais e visíveis contradições, as pressões de uma esquerda intelectual radicalizante, receosa de perder o controle de suas verdades e os prémios consagradores de seus talentos, a exploração demagógica e desonesta da debilidade cultural de uma

sociedade desinformada, incapaz de hierarquizar valores e de encontrar a saída dos labirintos em que foi aprisionada, constituem a realidade ameaçadora contra a autêntica liberdade, cujo preço da denúncia ou de sua contestação, pode ser pago com uma vida inteira de dificuldades e perseguições. E quantos ousam arriscar uma vida promissora de comodidades e elogios, para, com independência, afirmar-se serenamente soldado da verdade, combatente do erro, desmistificador dos falsos ídolos, da nova história escrita sob condicionamentos e limitações que ameaçam a liberdade e a sobrevivência?

Nestes momentos não é só necessário ter a coragem de enfrentar os destemperos dos demagogos, a prepotência dos novos messias. É preciso, em certas horas, ter a coragem de ficar sozinho.

E Alfredo Pimenta teve sempre essa coragem: a coragem de não fazer concessões por causa do bem-estar material. É mais uma lição do Mestre de Portugalidade que intransigentemente defendia a superioridade dos princípios nacionais sobre as abstrações iluministas e as paixões libertárias.

Nós, cidadãos portugueses do Ocidente, estamos, por complexa e obscura combinação de egoísmo, omissão, medo, falta de confiança e outros condicionamentos conjunturais, copiando os passos dos cidadãos da Grécia antiga que diante do Império Romano docilmente se precipitaram rumo à escravidão. E isto aconteceu porque se omitiram os que sabiam e podiam mobilizar a sua coragem e energias que ainda não estavam extintas.

Esta romagem espiritual que hoje fazemos à Madre de Deus deveria transformar-se em peregrinação nacional, necessária, urgente, para todos os portugueses e em especial para os que, acidental e transitoriamente, perderam a coragem e a confiança ou, cansados, se acomodaram ou apressaram em fazer revisões de seu ideário.

A Casa da Madre de Deus deverá ser o ponto de encontro, a fonte de vida da lucidez e da coragem nacionais, o símbolo da confiança (perdida) dos que ainda desejam recuperar a Verdade e colocá-la acima da linha de água que a separa de falsos consensos, de soluções de empréstimo ditadas pelos cartéis internacionais de desinformação que opera sobre o povo português; deverá ser a fonte da revelação da nossa «base comunitária» que deverá subsistir e persistir para além do efêmero contemporâneo, da novidade enganadora, do contingente, do «pântano de confusão e dúvida da natureza e moralidade do poder» em que se afundam a maioria dos países do Ocidente.

Num Ocidente propenso à escravidão por culpa das contradições de seus líderes políticos que não souberam definir as fronteiras entre a liberdade e a desordem, os seus povos não têm mais a noção das causas que merecem o sacrifício de suas vidas. Não sabem também como encontrar Deus porque o procuram na desordem, na prepotência da vontade individual, no egoísmo das idéias pessoais sobre o Bem Comum.

E nem Deus nem a liberdade se encontram aí. E do erro surgem as novas e deslumbradas teorias sociológicas de mãos dadas com «comprometidas» metodologias pastorais. No plano das nações, estas são conceituadas como meros agentes económicos que se enfrentam como velhos gladiadores, nos mercados internacionais. Deslumbradas e perdidas nesse universo técnico e administrativo, as nações assistem à mecanização e desumanização das suas relações. Os erros somam-se, e os povos desenraizados por estes processos, perdem a noção de sua dimensão cultural e desagregam-se em regionalismos contraditórios, por vezes selváticos e até mesmo suicidas. Por isso, escutamos hoje, o decadente *slogam* dos jovens pacifistas alemães: «antes vermelhos do que mortos», enquanto, por outro lado, jovens irlandeses se deixam morrer em greve de fome nos cárceres, pela independência da Irlanda e jovens de outros países recorrem ao terror, desfraldando as bandeiras da utopia, matando e morrendo em nome do senso perdido. E quantas pátrias, com séculos de existência, não tem cidadãos que se queiram bater pela sua própria independência e liberdade. E o patriotismo vê-se reduzido da escala nacional para a escala regional e talvez um dia, futilmente, desviado para um estádio de futebol onde se defrontem equipas representativas de países diferentes.

Temos diante de nossos olhos este espectáculo desolador e decadente, resultante da desintegração do consenso moral que deu forma e força ao Ocidente.

Alfredo Pimenta é o modelo do combatente intelectual que não pactuava com o erro nem com feiticismos eleitoralistas.

Convém recordá-lo, nessa postura de sentinela intelectual, que gritava o alerta contra o erro por mais insinuante que êle fosse, mesmo que ele ficasse desprotegido, contra a insanidade e levianidade dos que abraçavam, em maioria, as utopias.

Afirmava, ele, que é mais fácil o ERRO conquistar a maioria, precisamente porque ERRO é, o que não evita que deixe de ser Erro, apesar de ter a maioria a seu favor. É esta a «mensagem» de Alfredo Pimenta no centenário de seu nascimento, que mais

reflexões deve provocar entre a parte sã da Nação Portuguesa. É o seu «testemunho» que devemos pegar com mão firme, passada forte, nervos de aço, coração corajoso e lucidez de espírito. É a sua palavra de ordem, síntese de seu espólio doutrinário, gravada em cada gesto de sua existência, a recordar-nos a sua coerência em vida, já então sitiada pela visível presença de alianças hostis e pressões morais, alimentadas em redutos, de onde, por ironia, só deveriam ter saído apoio e solidariedade.

Viveu Alfredo Pimenta épocas agitadas da vida da Nação Portuguesa. Atento observador dos acontecimentos políticos — e muitos foram em sua vida — não sendo um imobilista, o que lhe permitia usar a sua inteligência com clareza, retirou desses acontecimentos e do perfil de seus protagonistas, a reação que o conduziu a assumir uma posição cultural e política contrária à que o envolvera em sua juventude romântica. Ele se refere a essa fase: «Fui, por isso republicano — por me ser impossível a minha reação mental defensiva, no período calamitoso de 1900 a 1910. A ideologia republicana apanhei-a, não a escolhi. Apanhei-a, como apanhei as bexigas, ou como podia ter apanhado o sarampo ou a escarlatina.

A reação mental defensiva foi-se criando e eu pude começar a fincar os pés, a fazer frente à onda, até que cheguei à autonomia completa — e resisti à onda». Era a fase do republicanismo idealista que terminava, muito embora a República estivesse triunfante. Alfredo Pimenta, mudou por convicção: «... e eu podia ter-me afeito ao novo estado de coisas e a esta hora seria um triunfante.»

Não era o seu jeito, a sua forma de estar no mundo. Ele preferiu sempre deixar o seu espírito «seguir a sua trajetória normal...»

Abandonava uma geração que em política era republicana, em filosofia anarquista e em religião anti-católica. Devorado pela necessidade do absoluto, dedicou-se a uma reação inteligente que iria derrubar «o falso prestígio» de princípios aparentemente sedutores mas não identificados com o cerne da Nação. Ele acreditava, ele era dotado de um poderoso instinto que lhe fazia antever caminhos renovados para o futuro de Portugal.

Ele consagrou daí em diante a sua actividade intelectual a libertar a Nação das clientelas partidárias e a reparar os erros da sua juventude.

Uma nova geração aparecia a aglutinar todas as vontades para construir uma vontade nacional resgatadora. Encontraria a verdade histórica, o sentido nacional no Integralismo Lusitano que se lhe

afigurava como a expressão perfeita das aspirações nacionais dessa época.

Foi testemunha, mais tarde, do movimento revolucionário de 28 de Maio de 1926, para o qual contribuiu com a força de seu talento de escritor e jornalista de grande vigor polémico.

Artífice do movimento citado, não deixou de o polemizar, pela cristalização de grande parte de suas forças dinâmicas e criativas.

Previu a tragédia que havia de ocorrer em 25 de Abril de 1974, já depois da sua morte, porque sempre considerou o regime resultante da Revolução de 28 de Maio, um regime autoritário de transição que aguardava a sua integral institucionalização...

Não viveu o suficiente para falar às gerações dos anos 60. E quem sabe se a carismática influência e poder de persuasão que o caracterizavam, não teria despertado, empolgado e arrancado da decadência moral e cívica os sectores doentes do corpo da Nação?

Talvez tivesse sido possível recriar uma Covadonga cívica, capaz de se opor à desmoralização e materialismo voraz da sociedade portuguesa, nesse período vital da história da Nação. Porém, a morte arrebatou-o do nosso convívio poupando-o da vergonha e das ignomínias a que a Nação Portuguesa foi submetida.

Deixou-nos, porém, algumas páginas em que faz o julgamento histórico da 1.<sup>a</sup> República, com o sabor amargo de uma actualidade que nem ele desejava se repetisse: «Antes do 28 de Maio, Portugal asfixiava, estrangulado pelas cadeias da República—República legítima e pura da Revolução de 1910 e da Constituição de 1911. Essa República, se era legítima na sua estrutura constitucional, era lógica nas suas realizações. Ela, anti-historicista prática, fizera tábua rasa do passado histórico de Portugal, e até levava ao Registo Civil o poeta Luís de Camões, e transformara Gil Vicente em percursor de Lutero e da Reforma».

Coerentemente a 3.<sup>a</sup> República — República legítima e pura da Revolução de 1974 — repetiu o processo negativista de suas realizações — e não só fez tábua rasa do Passado histórico, como também o pulverizou definitivamente, alienando-o em hasta pública internacional e levou Luís de Camões, não ao Registo Civil, mas ao banco dos réus, para acusá-lo de tendências fascistas e imperia-listas nas páginas de *os Lusíadas*...

Todo o processo revolucionário é insaciável, arrastando, na sua esteira, as instituições e as tradições. Alfredo Pimenta viveu o «estado de agitação permanente» provocado pela Revolução de

1910. Sobre esse período nefasto da história portuguesa, debruçou-se como historiador e pensador político, legando-nos o seu juízo crítico, tão actual, que se fosse vivo, para analisar a conjuntura portuguesa, apenas teria de actualizar as datas: «De um povo católico, fez um povo pagão; de um povo ordeiro, fez um povo de salteadores; numa palavra, voltou Portugal do avêssio. Governava a rua, tumultuária e hedionda. Sujeitos de cadastro ocupavam funções públicas, e impediam, brandindo cacetes, a constituição de governos legais.»

Em sua análise sobre a Revolução de 1910, deixou-nos com clareza um princípio que foi esquecido entre nós: a revolução jamais pode estabilizar o estado de agitação permanente que ela provoca e do qual se alimenta. Ele esboça-nos esta verdade, dando-nos um panorama social, político, económico e militar da sociedade portuguesa emergente da 1.<sup>a</sup> República: «Por toda a parte greves, tumultos, mortes, agressões. A Administração, um caos; as finanças, um sorvedouro; a economia, uma mistificação; o operariado, burlado; a burguesia, roubada; o funcionalismo público, desprestigiado; o Exército, capitulado de «cabide de fardas»; a Marinha, com chavecos podres e anarquizada; na vida externa, arrastados pela lama, feitos serventuários passivos da Amiga Soberana. Sentávamo-nos na mesa da Sociedade das Nações, para fazer fretes; ou ocupávamos o nosso lugar no sínédrio maçónico universal de Paris, para votarmos a prorrogação da guerra. Uma autêntica, legítima e pura República!» Que alterações teríamos de fazer hoje ao analisar a Revolução de 1974? Talvez o nome da Amiga Soberana e pouco mais.

Alfredo Pimenta viveu com lucidez a Paz, surgida da Segunda Guerra Mundial, que consagrou a vitória da U.R.S.S. e de seus aliados democráticos.

A literatura política posterior a 1945 revela-nos uma grande confusão e incerteza, uma incapacidade para definir a época que se começava a viver.

Para muitos escritores, o aparecimento dos grandes impérios comunistas, sugeria-lhes que a história caminhava vertiginosamente para a meta da utopia prometida pela Revolução Francesa e revelada pela Revolução Russa de 1917.

E se alguns intelectuais, como Arthur Koestler e Maurice Merleau-Ponty, de formação revolucionária, descobriam bastante cedo as contradições ideológicas e sociológicas do «status» sócio-político do post-guerra, Alfredo Pimenta já havia denunciado, dois anos antes deles, a Paz que a vitória aliada ofereceu aos homens

da nossa geração: «A Paz que a Vitória forjou e fez tocar os sinos e estralejar girândolas de foguetes, reduziu o mundo a uma espessa e intérmina legião de escravos, guardada por dois molossos que se odeiam...»

Enquanto, hoje, em 1982, o mundo desperta para o drama da Polónia, e, para tanto, deixou, sem reação maior, o massacre de Budapeste de 1956 e a cruenta repressão de Praga de 1968, Alfredo Pimenta erguia a sua voz, em 1947, para acusar e denunciar: «Desceu sobre a maior parte da Europa, a pedra fria do túmulo. E a pequena parte que ainda vive, oásis escasso em cemitério sem limites, essa... está de oratório.»

Dotado de uma esclarecida e culta visão da história das nações e das razões políticas que as movimentavam, Alfredo Pimenta intuía desde logo, que o conflito entre a revolução e a contra-revolução evoluía e iria apresentar uma novidade que surpreenderia as instituições tradicionais e os próprios intelectuais da esquerda: após o conflito de 1939-45, o conflito entre revolução e contra-revolução, apresentava um «campo de batalha» que não seria mais estritamente político. O conflito iria travar-se, desde então, num campo de batalha cultural, ou, como diz Thomas Molnar, espiritual.

O autor de «*Três Verdades Vencidas*», ao declarar-se, em 1947, não solidário com a vitória que instalou o comunismo na quase totalidade da Europa e a infiltrava habilmente nos restantes estados europeus, acusava esse «triumfo militar» dos aliados-de-ocasião como responsável por ter colocado o imperialismo soviético, triunfante e dominador, às portas da Península Ibérica, tendo implantado uma Paz em que se estavam a temperar as armas que hão-de destruir o que escapou da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial. Ele dizia-nos, com a sua atitude moral, que não podia ser solidário com uma vitória que, hipocritamente, se declarava horrorizada diante da cruz gamada e, no entanto, colocava e agitava sobre as nossas cabeças a bandeira vermelha imperialista e agressiva da Foice e do Martelo. Ele recusou-se a aceitar uma vitória que se dizia defensora dos Direitos da Pessoa Humana e, no entanto, espeznhava ou consentia no espeznhamento dos mais sagrados direitos dos homens.

O poder de destruição do imperialismo soviético não vinha somente da potência militar da U.R.S.S. Ele era também decorrente das doutrinas revolucionárias perfilhadas e que se espalhavam após a vitória. Esse poder de destruição deixava o campo de batalha tradicional, e penetrava todas as instituições ocidentais: a Igreja, o Estado, os Tribunais, a Universidade, o Exército e a vida cultural.

Era o «novo campo de batalha» que Alfredo Pimenta previra e Molnar analisaria trinta anos depois. O processo revolucionário iria privar, progressivamente, o Estado da sua autoridade natural ao mesmo tempo que acumulava em suas mãos todos os tipos de poder. Desrespeitado na sua autoridade natural, o Estado não se fazia respeitar sempre que intervinha na esfera privada dos cidadãos. Era a contestação de um Estado que acumulava poderes, mas só tinha obrigações.

Alfredo Pimenta, após o conflito mundial, pressentira que se a guerra havia sido ganha pelos «aliados», a vitória, realmente, pertencia aos irredutíveis inimigos do Ocidente Cristão: — o capitalismo e o comunismo. O materialismo económico iria dominar o mundo onde havia apenas dois vencedores: a URSS e os Estados Unidos.

E tinha a certeza de que ambos pretendiam erguer a Nova Cidade sobre os destroços e o sangue das vítimas dos novos senhores do mundo e na lama dos ódios e calúnias por eles desencadeados.

O desânimo do velho Mestre, em 1947, nada tinha a ver, no entanto, com o «veneno da renúncia nem com o ópio da abdicação».

Era um pessimismo que brotava da mediocridade da geração de governantes que então lideravam as potências vencedoras do Ocidente: «Na grande arena do mundo, na sua parte ocidental, movem-se os que o Mediocrismo caracteriza, e são as vedetas da Democracia — desde os Trumans aos Edens, desde os Marshalls aos Blums, desde os De Gasperis, aos Bidault, desde os Atlees aos Churchills, desde os Ramadiers aos Spoaks, passando pelos Gaulles, todos sob a batuta dos primeiros; na sua parte oriental, o Neo-Czar de todas as Rússias, que soube meter nos bolsos do seu capote de generalíssimo, a Polónia, a Bulgária a Tchecoslováquia, a Yugoslávia, a Hungria, a Albânia, a Áustria e metade da Alemanha — tudo isto nas barbas embasbacadas dos camaradas da vitória!»

O desânimo de Alfredo Pimenta, em 1947, traduzia a angústia daquela parcela da humanidade que não se iludia com as festas e fanfarras da vitória: a humanidade saída da guerra pressentiu na violência das soluções impostas que a paz se perdera definitiva e irreversivelmente, recebendo em troca o dever do martírio heróico, do sacrifício incomparável, o «finis Europae», que iria ser, porque devia ser, o nosso destino até hoje.

Porém, êle, estava liberto desse pecado original, porque podia afirmar com a consciência tranquila, — e com êle todos os que se posicionaram do mesmo modo, — que «nem por obras, nem por

palavras, nem por intenções, ajudaram a U.R.S.S. a vencer». Podia gritar com orgulho: «Nós nunca fomos aliados de Moscovo... Orgulhamo-nos disso». Grito de coerência, talvez hoje não tão estranho como pareceu à maioria daqueles conturbados tempos. Parece faltar hoje, na vida política portuguesa, a coerência com o passado moral da nação; nota-se a insensibilidade para os princípios doutrinários e uma carência estratégica por falta de conhecimentos geopolíticos e culturais.

Os políticos querem abrir «portas abertas», utilizar modelos já gastos e que nenhuma relação têm com a sensibilidade cultural do povo português. Tudo importado: sobras de guerras e revoluções, sucata estéril e inútil.

Alfredo Pimenta, em seu combate permanente a favor de uma solução portuguesa para Portugal, já em 1937, em plena vigência do Estado Novo, alertava que nas circunstâncias em que se debatia então o mundo, na confusão caótica do embate das ideologias e dos sentimentos, só conseguia prever que a ordem ou se viria a fixar na vitória do que Moscovo corporiza, ou no domínio do que corporiza Roma. E tudo o que não for isto, escrevia — «desde a ditadura hitleriana ao liberalismo inglês; desde a democracia parlamentar francesa ao corporativismo português, tudo desaparecerá, levado, ou na onda diabólica das massas marxistas, ou na vaga impetuosa da Reacção...» Para êle, o povo português era o único que detinha a força moral capaz de encontrar a solução.

Hoje, Portugal é mais um palco, entre tantos erguidos no mundo, onde a Revolução e a Contra-Revolução se enfrentam, num desempenho de aparência pacífica. E este equilíbrio aparente só foi possível porque o povo português, e mais ninguém, em 1975, se opôs ao que parecia ser um domínio absoluto da Revolução.

O drama, porém, continua com os personagens em equilíbrio instável. Exige-se, mais do que nunca, posturas integrais, totais, definitivas a favor de Portugal português. Não há mais tempo para expectativas, habilidades ou posturas equilibradas em cima do muro: ou a Revolução — com a sua fase final, o comunismo — solução que o povo português rejeitou em 1975 de modo enérgico e inequívoco — ou a Contra Revolução, através da qual o povo português saberá encontrar a solução alternativa para «a única via» que êle pressente ser mortal para a velha Nação Portuguesa.

Ao recordar hoje Alfredo Pimenta interessa pôr em relêvo a lição de seu combate cultural, a lição de fidelidade a Portugal, a constância lúcida de sua luta, de sua obra identificada com o

que Roma corporiza. Combate solitário, sem aplausos, recompensas ou lisonjas do poder ou das multidões.

A nossa missão não tem um epílogo, como diz Molnar, porque o combate é de todas as gerações em suas épocas, e o termo desse combate em que estamos empenhados «será sempre adiado». Temos de compreender que a Revolução, mesmo quando vitoriosa e em expansão, é impotente para criar uma ordem estável, porque gera «um caos permanente numa espécie de dança enlouquecida». Ela destrói toda a espécie de ordem, mesmo aquela que provisoriamente impõe, razão pela qual, como diz o autor de «*A Contra Revolução*», o regime revolucionário só poderá ser mantido pela «classe», que, tendo-se aproveitado dele, passa a dirigi-lo ditatorialmente. Decorrente desta evolução, o processo revolucionário vitorioso conduz sempre a uma «estagnação» da vida política e social,

Porém, se a Revolução não triunfa, como no caso português, ela permanece entre nós como factor de erosão na sociedade portuguesa não-revolucionária, enfraquecendo-a, desgastando-a e mantendo-a intimidada pelo medo. Desgasta-lhe a vontade, a energia e a esperança.

O nosso combate será, em qualquer circunstância, acordar a nação, despertar-lhe as energias para a sua defesa e para uma vida comunitária ordenada e decalcada na sua experiência cultural secular.

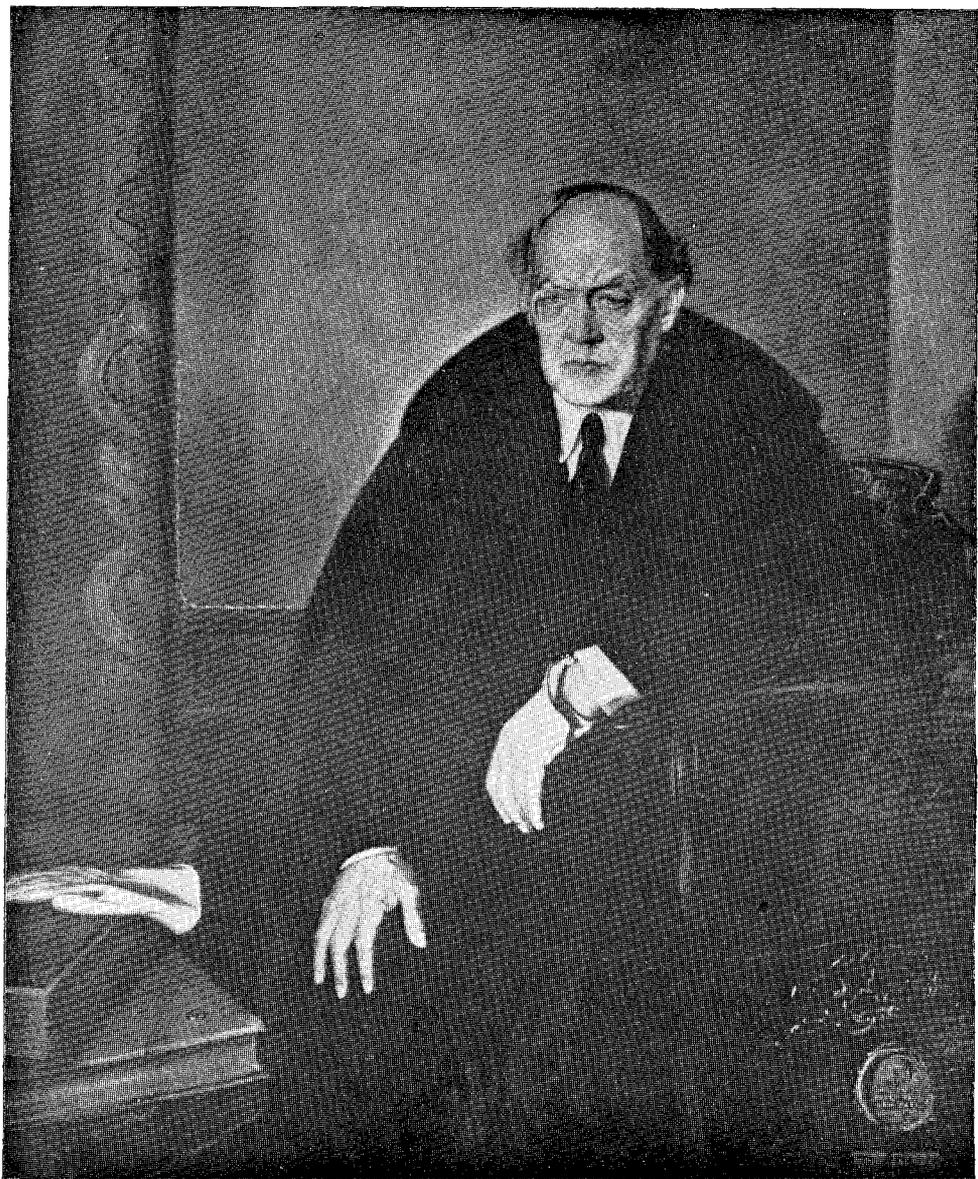
A nossa missão será continuar todos os combates já havidos e que forjaram a nação portuguesa. Continuá-los no sacrifício e na renúncia, na persistência silenciosamente heróica, repetindo a lição da vida intelectual e moral de Alfredo Pimenta.

O êxito desta missão não terá a consagração a apoteose das multidões. Será uma tarefa árdua, que nos pedirá uma doação quotidiana de nossas energias morais. E por cada um que, por morte ou deserção, deixe o seu posto, outro de nós tomará o seu lugar, como na canção dos heróis esquecidos:

*«Si te dicen que caí  
Me fui  
Al puesto que tengo allí»*

A palavra de Alfredo Pimenta tem o som vibrante do clarim do V Império, que a todos chama para a hora:—A hora em que, nós, os vivos, temos de merecer a glória criadora dos nossos mortos.

*Ruy Pereira e Alvim*



Alfredo Pimenta, retrato por Preto Pacheco (Actualmente na Fundação Calouste Gulbenkian)



Na Fundação Calouste Gulbenkian a quando da entrega da Livraria do Dr. Alfredo Pimenta. Da esquerda para a direita: Dr. Alfredo Manuel Pimenta, Prof. Doutora D. Virgínia Rau, Prof. Doutor Veiga Simão (Ministro da Educação), Dr. Azeredo Perdigão, Embaixador Dr. Pedro Teotónio Pereira, D. Maria Adozinda Pimenta Sousa Monteiro e D. Maria Gracinda Pimenta.